



ARTÍCULO | ARTIGO | ARTICLE

Fermentario V. 17, N° 2 (2023)

ISSN 1688 6151

Instituto de Educación, Facultad de Humanidades y Ciencias de la  
Educación, Universidad de la República. [www.fhuce.edu.uy](http://www.fhuce.edu.uy)

Faculdade de Educação, UNICAMP. [www.fe.unicamp.br](http://www.fe.unicamp.br)

---

Manifiesto ante-humanista: tecnologia e humanidade

*Manifiesto antihumanista: tecnología y humanidad*

Ante-humanist manifesto: technology and humankind

*Diego Winck Esteves<sup>1</sup>*

**DOI:** <https://doi.org/10.47965/fermen.17.2.2>

**Recibido:** 4 de julio de 2022.

**Aceptado:** 17 de noviembre de 2022.

## **Resumo**

A partir do tempo presente, pandêmico, este ensaio coloca em questão a noção de humanidade e sua correlação com a tecnologia. Problematiza, por meio de uma relação temporal, os indícios que parecem nos evidenciar certos efeitos do que definiu-se como Tecnologias de Distração e Extração, argumentando em prol de Tecnologias da Experimentação e Composição. Deste modo, propõe-se retratar o humano, num movimento de retomada, por meio de uma reciclagem e recomposição existencial: isto é, de postular uma ação presente no

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

mundo que não menospreze outrem como suposta consequência inevitável da afirmação de si. O texto se expressa como um Manifesto ante-humanista, no sentido de que propõe ir além e aquém do humano, como uma composição tecno-animal.

**Palavras-chave:** manifesto, tecnologia, humanidade.

### **Resumen**

Desde el tiempo presente de la pandemia, este ensayo discute la noción de humanidad y su correlación con la tecnología. Problematiza, a través de una relación temporal, la evidencia que parece mostrarnos ciertos efectos de lo que se definió como Tecnologías de Distracción y Extracción, argumentando a favor de las Tecnologías de Experimentación y Composición. De esta manera, se propone retratar lo humano, en un movimiento de recuperación desde un reciclaje y recomposición existencial: es decir, de postular una acción presente en el mundo que no menosprecia a los demás como una supuesta consecuencia inevitable de la autoafirmación. El texto presenta un Manifiesto antihumanista al proponer ir más allá y hacia lo humano, como una composición tecnoanimal.

**Palabras clave:** manifiesto, tecnología, humanidad.

### **Abstract**

From the present time, a pandemic time, this essay calls into question the notion of humankind and its correlation with technology. From this temporal relationship, this essay questions the clues that seem to show us certain effects of what has been defined as technologies of distraction and extraction, arguing in favor of technologies of experimentation and composition. We thus propose a portrayal of humans in a movement of resumption, through an existential process of recycling and recomposition: that is, to postulate actions in the world that do not disparage others as a supposed inevitable consequence of the affirmation of oneself. This essay is an Ante-humanist Manifesto when considering that it proposes to go beyond and below the human, as a techno-animal composition.

**Keywords:** manifesto, technology, humankind.

### **Confinado: com o passar do tempo**

É possível que a pandemia derivada do Coronavírus SARS-CoV-2 e sua manifestação patológica, a covid-19, doença que subtraiu precocemente muitas vidas humanas, possa não

significar, no futuro, mais do que um capítulo nos livros de História – ao lado de outras pandemias como a da Peste bubônica, Varíola, Cólera, Gripe Espanhola e Gripe Suína (H1N1). Neste sentido, tenho imaginado que no futuro será predominante entre historiadores, sociólogos e filósofos – mas também entre economistas e cientistas políticos –, a análise de que estes eventos ocorridos, sobretudo, entre 2020 e 2022, aceleraram processos que, inevitavelmente, aconteceriam de todo modo. Não estou tão certo disso. Pretendo, portanto, contra-argumentar esta provável perspectiva futura, desde um corpo confinado no presente: não por necessariamente discordar dela, mas por considerar que ela de certo modo mascara um ecossistema que tem se tornado mais eficiente e mais sutil com o passar do tempo – tão mais eficiente quanto mais sutil se torna. Ecossistema, de *oikos*=casa, ou seja, de um sistema da casa. Logo, estendendo-a para compreender mais do que a natureza e, sobretudo, para aquilo que é considerado nossos artifícios – ou, se se quiser, de culturas –, numa intrincada correlação entre linguagem e valorações: para tratar, como pretendo dar a ver, de certas produções de subjetividades. Com efeito, por existirem diversos ecossistemas, passarei a tratar, a partir daqui, de um certo “ecossistema humano”.

Se é verdade que o Planeta Terra se tornou, desde 2020, uma espécie de imenso palco onde são representadas, simultaneamente, cenas tão diversas nos detalhes quanto comuns no contexto – hospitais, reunião de gestores, números, gráficos, palavras de ordem em várias línguas que repetem os mesmos imperativos “use máscara”, “lave as mãos”, “fique em casa”, –, desconfio que a humanidade foi incapaz de compreender os precursores desta crise anunciada, mas não percebida; isto porquê nós, humanos, estivemos muito ocupados, sem tempo para perscrutar, por entre as frestas produzidas em cada abalo precursor, a crise que estava por vir; pequenos abalos sísmicos, é verdade, mas que não cessavam de nos tomar a vida à conta gotas, até que, em março de 2020, um *tsunami* nos afogou entre as quatro paredes do nosso lar. Estamos confinados e, de certo modo, sempre estivemos. Sutilmente cerceados, mas de modo algum presos. Ilusão de liberdade: saímos de um confinamento para outro, e as portas que atravessamos comportam nossa subjetivação. Neste ecossistema humano – de modo algum espontâneo, mas arbitrariamente produzido – somos tratados ora como matérias-potência passíveis de extração, ora como sujeitos possíveis – e necessários – de distração.

### **Tecnologias da Extração e da Distração em uma Sociedade do Entretenimento**

A Tecnologia não somente tem avançado quanto este avanço tem sido visivelmente exponencial. Em dado momento, num futuro não muito distante, nos aproximaremos do limite das possibilidades materiais disponíveis em nosso planeta. O ecossistema humano – noutros termos, a humanidade – extrai o que pode, e até quando pode (até quando consegue). É preciso ressaltar que inclui-se nesta noção de matéria – estudada pela ciência e desdobrada em e pela tecnologia – a materialidade incorpórea da luz, do raio-x, dos raios ultravioletas, *wi-fi*, *bluetooth*, entre outros. De fato, a ciência e, por conseguinte a tecnologia, avançou da matéria corporal para a matéria incorpórea. O ecossistema humano se retroalimenta e a Tecnologia tem então um importante papel na manutenção deste Sistema que não cessa de se expandir, operando sob lógica do progresso a todo o custo. A Tecnologia é a força que mantém este ecossistema em “evolução”, o que se manifesta em outra palavra-chave do vocabulário adotado no ecossistema humano: inovação.

O parágrafo anterior performa indícios da crítica que pretendemos expor: ele apresenta a tecnologia, com *T* maiúsculo, como uma força homogênea que avança sobre o Planeta, dentro de um ecossistema que abarcaria a humanidade: pois bem, não é disso que se trata, é necessário falarmos de tecnologias, nem todas servis a este ecossistema. É preciso denunciar, se pretendemos outro modo de estar no mundo – não confinados, não pandêmico – esta noção de Tecnologia que se propõe, em conjunção com a noção de humanidade, universal. Esta correlação entre humanidade e tecnologia é o que expressamos aqui como ecossistema humano: um sistema para o qual a linguagem é a força incorpórea que lhe possibilita a existência em certas coesões corporais. É preciso diferenciar, em nome de outros modos de existência, o humano como uma espécie animal dentre outras – de diferentes maneiras de humanos viverem em diferentes partes do globo, com diferentes cosmovisões – daquela noção que se expandiu com as colonizações.

Aquela humanidade, que desceu bem-vestida das embarcações em terra até então desconhecidas (na história que eles escreveram, claro), etnocêntrica, logocêntrica e falocêntrica. O que garante sua narrativa, é preciso destacar, é justamente a noção de um centro, desde o qual ela se “expande”: e o centro que representa, neste Manifesto, o inimigo a ser combatido, é o antropocentrismo – discussão datada, bem verdade, mas da qual não nos parece que tiramos todas as consequências, sobretudo sobre seu engendramento com a tecnologia. Esta crítica, portanto, se alinha àquela feita por Yuk Hui, no ensaio *O que vem*

*depois do iluminismo* (2020), no qual destaca, por um lado, o caráter intervencionista e bélico da humanidade, pois “foram as tecnologias militares e náuticas que permitiram aos poderes europeus colonizar o mundo, levando ao que agora chamamos de globalização”, e, por outro, a narrativa que mascarava (e ainda mascara) a tirania destas intervenções:

Somos ensinados que o Iluminismo como um todo visava à plena realização da humanidade e de valores universais por meio da luta contra a superstição (não necessariamente a religião) e que seria pela ciência e pela tecnologia que essa batalha deveria ser vencida. Mas, para além da criação de novas ferramentas náuticas e cartográficas, o Iluminismo em si também era um processo de reorientação que situava o Ocidente no centro dessa transformação, a fonte de sua universalização (Hui, 2020, p. 50).

Mais do que denunciar estas intervenções tirânicas do colonizador, importa projetar outros modos de existência, mas, sobretudo, evidenciar aqueles que já existem e, incluso, que já existiam à época da empreitada da expansão civilizatória. Para, desse modo, não decair no que, via uma leitura nietzschiana, denotaria um ressentimento de colonizado. Importa, portanto, se apropriar, como afirma Aguirre (2017, p. 20), em um artigo sobre Simondon, da “necesidad imperiosa de una nueva tecnologia, de un nuevo *tecno-logos*, de una nueva ‘ciencia de las relaciones y transformaciones’,<sup>2</sup> de un nuevo discurso sobre la técnica”. Todavia, antes de propor outras tecnologias – que não serão aqui expostas como tecno-logos, mas como uma disjunção inclusiva tecno-animal, com vistas ao desvio de um logocentrismo (ainda que inclua certa noção de ciência<sup>3</sup>) – nomearemos estas tecnologias supracitadas, à título de diferenciação, de Tecnologias Humanistas. Pois, se existem diferentes cosmotécnicas, numa perspectiva da tecnodiversidade (Hui, 2020), esta tecnologia que se apresentam como universal precisa de uma definição para ser diferenciada das demais.

Na linha narrativa que estou a manifestar vou tratar de duas destas Tecnologias Humanistas: as Tecnologias de Extração e as Tecnologias de Distração. As primeiras incluem todas aquelas que extraem do planeta matéria para fins de produções capitalistas; com efeito, visam extrair da matéria todas as suas possibilidades de usos para o humano, tudo o que ela pode vir a nos oferecer; mas também – e este ponto é de suma importância – extraem do humano sua força de labor, direcionando sua energia para a produção de bens e serviços numa regulada

---

<sup>2</sup> Simondon (2007, p. 165).

<sup>3</sup> Nota: aqui será sugerido um ensaio, publicado anteriormente, no qual abordamos esta questão.

economia corporal. As segundas, Tecnologias da Distração, são aquelas que nos informam, nos conectam e nos confinam, ao mesmo tempo que nos “fazem” viajar por meio das imagens – à exemplo da navegação pela *internet*. Elas funcionam como parte do ecossistema humano: a distração age como parte de uma psicopolítica (Han, 2018b), de modo que o entretenimento (Han, 2018a) mascara o caráter tirânico da extração, que não somente retira da “terra” o que lhe é útil, como também o faz com os corpos humanos. Neste sentido, importa notar que o entretenimento já não se opõe ao trabalho, como tempo de lazer: para o ecossistema humano, noutros termos, capitalista, é preciso que o trabalho se torne entretenimento, e por isso substituo a palavra trabalho por labor; significa que a matéria é extraída da terra, mas é a operação humana, via técnica, que elabora esta materialidade para a produção de bens de consumo. É importante, para o capitalismo do século XXI, que o indivíduo se engaje no seu labor, que ele se torne um colaborador – ou um “co-elaborador” – da empresa, que seja um empreendimento de si próprio, que passe de sujeito para projeto (Han, 2017).

### **Da física à eletrônica, passando pela biologia**

Mas, voltemos à noção básica de tração, como a qual as Tecnologias da Extração e Distração, de certo modo, se contrapõem. Tração é uma ação que tensiona um corpo em sentidos ao seu exterior, uma força que lhe produz tensão para a periferia de si e desta para o fora. No limite, num ponto crítico e mutável desta tensão para direções divergentes, visto que seu próprio peso é uma força que se opõe, este corpo pode se romper. Este rompimento no âmbito do ser pensante frente aos dilemas existências é, para Deleuze (2007), o paradoxo que dilacera o sujeito, pois que rompe com o senso comum e identidades fixas. Extrair é subtrair esta tensão dos corpos – que são puxados ao fora pelos acontecimentos, encontros, interesses, vontades – e direcioná-las para um sentido, reduzi-los à uma função, decompô-los e orientá-los em uma direção, para um uso, um fim. Extração que reduz as tensões dos corpos e, com efeito, manipulados por uma Tecnologia Humanista, investe seu potencial para um objetivo alheio à si – do corpo singular ao ecossistema. Entretanto, as múltiplas forças da existência lhe provocam um tracionamento multidirecional. A distração, de modo mais evidente, diminui esta tensão – em verdade, dissimula-a. Distrair é, do ponto de vista da atenção, mudar o foco, desviar o olhar daquilo que lhe convoca, dos afectos corporais, para um entretenimento. Todavia, este entretenimento pode ser o próprio trabalho que entretém os corpos numa elaboração em troca de mais entretenimento, simbolizado pelo capital – não apenas o

financeiro. Logo, se eu, como indivíduo, não sinto o tracionamento do dilema que é viver numa sociedade como vivemos, num mundo problemático, não preciso titubear entre leste e oeste, nem resolver qualquer problema: não preciso mudar minha atitude, porque meu confinamento é lugar de entretenimento, e o prazer momentâneo é meu alimento.

Vive-se numa Sociedade de Entretenimento, na qual o espírito é desviado de questões problemáticas, que detém o potencial de lhe convocar a atenção e a necessidade da mudança de postura, pela promessa de um viver em sucessivos presentes de prazeres efêmeros. É aí que entram as Tecnologias da Distração, que evitam que percebemos os paradoxos que emergem nos dilemas que essa sociedade produziu para si própria. Paradoxo expresso na própria Tecnologia da Extração, que pressupõe um progresso infinito sobre uma materialidade finita: mas tudo bem, enquanto esses bens, produzidos pela extração da força humana, servirem para distrair os próprios humanos que o consomem – e não precisarem pensar nestes dilemas (ao menos até certo ponto, como ocorreu com a pandemia). Uma tecnologia alimenta a outra, e ambas se alimentam do humano e da natureza – aliás, do humano como natureza.

E o que as Tecnologias de Extração e de Distração tem em comum? Primeiro parece haver um desenvolvimento da primeira que desemboca, de certo modo, na segunda. Vejamos. As Tecnologias da Extração tem início com o desenvolvimento da mecânica e a produção de máquinas que substituíram as antigas técnicas de extração e suas ferramentas – pá, machado, inço, foice, picareta. Com efeito, temos escavadeiras, serra elétricas, britadeira, etc. Todavia, a mecânica já existia nas antigas técnicas de extração, mas era possibilitada pela biomecânica: isto é, uma cadeia de músculos que movem ossos por meio de articulações, orientados por um sistema nervoso dotado de memória para cada ação motora. A invenção das Tecnologias da Extração assim resulta da combinação da mecânica com a eletrônica – o que vem a resultar na invenção da mecatrônica e, mais recentemente, da robótica. A eletrônica, portanto, sobretudo no decurso da Informática, é o elo que liga estas Tecnologias – da Extração para a Distração – , uma vez que a diversão supunha, inicialmente, técnicas de jogos analógicos – xadrez, futebol, pega-pega etc. – que desembocaram, por meio da eletrotécnica, e conseqüentemente do vídeo, em cinema, videogame, e outros; e aquele pega-pega das crianças correndo pelo pátio pode derivar numa corrida de automóveis, ou mesmo de caminhões. Donna Haraway (2009) já havia constatado esta realidade em 1985:

Essas ciências e essas tecnologias indicam, para nós, transformações fundamentais na estrutura do mundo. As tecnologias da comunicação dependem da eletrônica. Os estados modernos, as corporações multinacionais, o poder militar, os aparatos do estado de bem-estar, os sistemas de satélite, os processos políticos, a fabricação de nossas imaginações, os sistemas de controle do trabalho, as construções médicas de nossos corpos, a pornografia comercial, a divisão internacional do trabalho e o evangelho religioso dependem, estreitamente, da eletrônica (p. 66).

Então, se é preciso postular outra relação com a tecnologia que inclua uma tecnodiversidade e, ao mesmo tempo, possa inventar outras cosmotécnicas, parece indispensável aceitar uma tração – ou, se quiserem, um paradoxo: precisamos revalidar e reintegrar a força humana como potência animal e, ao mesmo tempo, incluir o potencial da eletrônica que atualmente já se desdobra em realidades expandidas e inteligência artificial. Esta inclusão, todavia, é por uma via consciente da armadilha que o entretenimento 2.0 contém: um abandono do corpo físico, uma submissão à imagem e, por meio dela, ao modelo; e, assim, de volta ao “centro” que é, em última instância, nosso inimigo oculto. É preciso, portanto, uma força extática, um deslocamento para a periferia, um descentramento provocado por uma excitação corporal: tal operação é compreendida como experimentação.

### **Uma composição tecno-animal**

Este Manifesto, para tanto, postula que é preciso retornar à nossa animalidade, mas não como uma regressão ao passado, como aquelas da hipnose, mas via certas cosmotécnicas (ainda que seja necessário inventá-las) que nos possibilitem esse acesso ao que é ante-humano: ou seja, o que em nós é animal, enquanto potência corporal. É numa breve análise da percepção dos animais não humanos que somos capazes de perceber que a subjetividade humana, demasiado humana, tornou-se inapta para uma gama não desprezível das capacidades e possibilidades de relações com o meio ambiente circundante. Pois bem, sabe-se que os animais não humanos, cada qual em sua singularidade, possuem uma hipersensibilização do tato, do olfato, da visão e de aprimoradas técnicas de camuflagem, sedução e empatia – hipersensibilização se comparados, é claro, aos animais humanos. Os animais não humanos são intuitivos, sua existência é não racionalizada: eles seguem uma convocação da matéria, da existência nua e a partir disso se agenciam, se acoplam, se misturam, se compondem de modo não interesseiro – por incapacidade de racionalizar –, mas interessado, isto é, convocado por afecções

animalescas. É a humanidade que raciona – contém e divide – e racionaliza – conta, reflexiona e valora. A humanidade e seu arcabouço linguageiro, donde surgem os modelos, a moralidade e o ideal de progresso: todos possuem um centro, o que faz do humano, que considera sobremaneira sua distinção dos demais animais, a ponto de não se considerar como tal, um autocentrado – antropocentrado, eurocentrado, etnocentrado, heterocentrado, falocentrado, logocentrado, egocentrado etc. O animal é, por condição primária, descentrado: está à espreita da modulação das trações que lhes movem pela existência, e das contrações, onde incluem a existência em si próprio – como autopoiese.

O sujeito, dentro do ecossistema humano – isto é, da sociedade regida pela maquinaria capitalista –, teve atrofiadas qualidades que, paulatinamente, lhe distinguiram dos demais animais (e é curioso que se orgulhe disso). Sendo incorporado pelas Tecnologias Humanistas, diminuiu significativamente a capacidade de escutar, bem como o olfato que, ademais ficou subjugado ao paladar – este também hipossensibilizado. Estes sintomas se somam a outros, no sentido da hipersensibilização: da visão, para distinguir uma coisa da outra, de modo interesseiro; das mãos, para conter, contar e separar; e da fala, para valorar e ordenar a existência, criando mundos em territórios mais ou menos excludentes. Parece evidente que as Tecnologias de Extração e de Distração estão diretamente relacionadas à produção e proliferação de corpos que agem do mesmo modo e, por conseguinte, padecem das mesmas moléstias. Comunidades não contaminadas pela Tecnologia da Linguagem Humanista, as poucas que ainda existem, possuem outras cosmotécnicas que, quiçá, nem podem ser compreendidas como Tecnologias, a não ser que associemos seus saberes com outros modos de ser da ciência; comunidades que desconhecem qualquer cisão entre natural e artificial, entre natureza e cultura, entre humano e animal – que operam sobre outros regimes sígnicos; logo, o meio ambiente não significa matéria prima, mas parte de si próprio.

A condição destes subjetivados por meio de um ecossistema humano é bem característica, ainda que com maior e menor grau de resistência, aqui e acolá, a este sistema. Primeiro, possuem significativo atrofiamento muscular: mas nota-se que por atrofiamento não se compreende necessariamente perda de massa magra, uma vez que um corpo tido como forte, como tantos que habitam as academias do mundo *fitness*, pode ser atrofiado em termos de agilidade, de flexibilidade, de sensibilidades. Segundo, e por consequência direta, perda de mobilidade articular, de motilidade, de potencial. Terceiro: seus corações enfraqueceram, no

sentido fisiológico e metafórico: o sangue circula em menor quantidade e com menos intensidade, os afetos também. Mais predispostos a falar do que a escutar, tem sua respiração também prejudica, pois que, orientados para a expiração, diminuíram sua capacidade de inspirar – em sentido fisiológico e metafórico. Para a inspiração é demandado silêncio, tempo para o ar entrar no pulmão, tempo para pensar, intuir, imaginar, animar – a *ânima*, a alma.

Atrofiamento de quem na humanidade tem poder para mandar e não precisa de habilidade e capacidades físicas para andar, pois a Tecnologia Humanista criou toda uma série de automóveis – e o animal humano é, em si, cada vez menos automóvel, cada vez mais sedentário, com reduzida capacidade motriz. É assim que ocorre, atrofiadamente, quando todos pensam que podem mandar, que podem ordenar, sem perceber que fazem parte de um todo ordenado. Sempre há quem mande e quem obedeça na escala hierárquica deste ecossistema tirânico. Vivemos em cidades organizadas, seguras, regidas pelo bom racionalismo ocidental e mantida pela mais precisa ciência moderna: cidades humanizadas, tecnológicas. As cidades humanizadas são tão humanizadas quanto são claras, assépticas e apolíneas. Isto no nível das luzes, do palco iluminado: no *backstage* há muita sombra, suor e sangue. As engrenagens que movem essa maquinaria são predominante negras, animais – de várias espécies – e periféricas. O poder que move essas engrenagens – pois o show não pode parar – são machistas, racistas e especistas, projetados por uma intrínseca relação poder-saber expressa em tecnologias.

Por tudo isso, este Manifesto propõe um ativismo ante-humano – e não anti-humano. O humano, demasiado humano, criou um mundo onde projeta-se rei, mas é um rei desconfiado e atrofiado. O ativismo aqui proposto – que não é necessariamente uma militância, uma vez que as pautas são múltiplas e por vez até divergentes, em tração – tem como postulado o confiar na existência enquanto um espaço comum habitado por multiplicidades. Um ante-humanista confia, mas não ingenuamente: confia, primeiro, em corpos que inspiram; confia onde há silêncio que é ocupado, eventualmente, por palavras (e não o contrário). O ativista ante-humanista é criativo, ou seja, é ativo na criação, de modo irreverente, e por vezes irônico, voltado aos humores alegres. Ele toma como fundamento a inocência do animal, que é análoga a da criança, que ele então acopla ao dinamismo tecnológico. Por esta via, retoma-se a noção de entretenimento, mas tomando dela sua dimensão inventiva, daquele que se põe entre, em jogo, com o acaso, e que nele se experimenta e improvisa, entremeios. Esta

conjunção tecno-animal se aproxima àquilo que Haraway (2009) chamou de ciborgue:

O ciborgue aparece como mito precisamente onde a fronteira entre o humano e o animal é transgredida. Longe de assinalar uma barreira entre pessoas e outros seres vivos, os ciborgues assinalam um perturbador e prazerosamente estreito acoplamento entre eles. A animalidade adquire um novo significado nesse ciclo de troca matrimonial (p. 41).

Aí então este Manifesto assume sua demanda propositiva, que se dá em termos de contrapor as Tecnologias Humanistas, bem representadas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação, por outra, uma Tecnologia da Experimentação e Composição.

### **Por outro modo de ocupar a Terra: Tecnologias da Experimentação e Composição**

Não são poucos os estudos e relatórios<sup>4</sup> que indicam que estamos chegando num ponto sem volta – ou que já atravessamos tal linha. As propostas dos gestores e políticos, dizem os noticiários, parecem não avançarem à contento, com ações comedidas frente a catástrofe que, como já afirmava Latour em 1991, no livro *Jamais fomos modernos* (2019), já está aí. O ecossistema humano produziu uma realidade onde a maioria de nós, cidadãos, se considera inócuo frente a tamanho desafio da humanidade. A tomada de consciência que é afirmada neste Manifesto, em contraponto, trata justamente do seguinte postulado: é urgente nos confrontarmos com as tecnologias que nos constituem, que extraem nossas forças enquanto nos distraem, no dia a dia. É urgente assumirmos que este combate se dá em nosso cotidiano, no uso da linguagem, na rotina alimentar, nos meios de locomoção, nos modos de relação – com humanos e não humanos.

Confrontamento já iniciado, é bem verdade, muitas décadas atrás: não faltam movimentos políticos, ativismos de toda ordem, que nos convocam a resistir ao capitalismo, afirmando-se em enunciados que nos repetem que “é preciso substituir o ter pelo ser”. Entretanto, importa sobremaneira atentar para uma armadilha, justamente quando o “ser” se afirma como um centro. O problema é de outra ordem e, de certo modo, precisa-se justamente deixar de ser e passar ao devir, eis aí a técnica e a poética do combate. Para ser mais preciso, ao longo da

---

<sup>4</sup> Para ficar apenas com um exemplo, emblemático, o último relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas da ONU, adverte “que manter emissões [de gases de efeito estufa] pode levar a aquecimento global médio de 3,2 °C até 2100, mais que o dobro da meta prevista no Acordo de Paris; secretário-geral ressalta que mundo está a passos rápidos para desastre climático” (<https://news.un.org/pt/story/2022/04/1785102>, acessado em 30 de maio de 2022).

história pode-se listar uma série de artifícios de linguagem, logo de constituição de mundos, que elevaram um centro – leia-se, um lugar, num território, raça ou ideia – em detrimento de outro: uma etnia que teria, segundo certa narrativa, mais direito do que outra ao território, uma raça que teria mais direitos do que outras de viver (racismo), segundo a afirmação de que teriam ou não uma alma, por exemplo, ou uma espécie que domina as demais, ao seu gosto, justificando-se em discursos ditos científicos, econômicos, etc. (especismo). É neste sentido que aqui manifesta-se a proposição de que é imperioso um deslocamento do centro – de si – em direção ao espaço, acolhendo o diverso e diferente no seu direito de existir – acolhendo outrem, em sua diferença radical.

A virada, importa notar, é mais ontológica do que linguística, mas é sobretudo física, corporal, sensível: se trata de deslocar-se da informação para a experimentação. Deslocar significa um desvio atencional da significação em direção às presenças e suas manifestações: ao acontecimento antes de sua representação via reconhecimento – tal como exposto por Deleuze (1988). É para tanto que evoco, neste Manifesto, um contraponto às Tecnologias da Informação e Comunicação – mas de modo algum sua substituição, o que se quer seria viável – em prol de Tecnologias da Experimentação e Composição. Experimentar, compor, decompor e recompor, a propósito do que afirma Viveiros de Castro (2018), pois que atuamos via uma “recusa à constituição da humanidade como se uma ordem à parte, um império dentro de um império. Sublinho [sublinhamos]: *proliferar* a multiplicidade” (p. 28; grifo no original).

Ocupar a Terra de outro modo significa viver sobre os meios, traçar outras relações, olhar de outra maneira. É preciso exercitar nossa sensibilidade, retomar nossas capacidades animais embotadas pela Tecnologia Humanista. Não sou CEO de nenhuma empresa dona da patente desta Tecnologia da Experimentação e Composição que teria vindo para nos salvar, pois não é disso que se trata. É preciso sublinhar que tais tecnologias já existem há muito tempo, são primordiais, mas outras também podem surgir – o que é tanto papel da ciência quanto da arte. daquelas primordiais basta olharmos para os indivíduos que já viviam nas terras “descobertas” pelos europeus, ou para outras perspectivas que não aquelas que vem colonizando nossos corpos por séculos, olhando para tradições como as do yoga, do budismo e do taoísmo.

A catástrofe não é a da vida, mas do ecossistema humano como temos conhecimento, que ainda se apega ao que lhe resta, e não é pouco. Se apega aos nossos corpos, realimenta nosso modo de viver, nos distraí e nos extraí o que temos – força em energia e tempo –, desenvolvendo suas tecnologias que, segundo os discursos de seus supostos gestores, é justamente o que irá nos salvar da catástrofe eminente. Nós, por ventura ante-humanistas, assumimos uma contrapostura, que assume a informação em meio a experimentação, assumindo a linguagem num devir poético. Assumimos nossa impostura: não aceitamos passivos o convite para majestosos e frenéticos metaversos; desviamos, enquanto caminhamos atentos e contemplativos, por infraversos: acreditamos na força de existência destes cotidianos ocupados por corpos humanos e não humanos, diversos, múltiplos em composições e derivações.

Acreditamos em mundos que já estão aí, mas que demanda que desaceleremos para notá-los; que demanda exercícios de atenção modulados por tecnologias que não aquelas interessadas no nosso labor, entretendo-nos com vontades alheias as nossas; outras tecnologias: é preciso, quiçá, sair do logos – da razão, do verbo – e passar ao saber – muitas vezes paradoxal, silencioso –, emulando o deslocamento que Guattari (2012) fez da Ecologia para a Ecosofia; é preciso, pois, erigir novas tecnossófia, justamente por se tratar de outro ecossistema: de recompor, de reciclar nossa habitação humana na Terra. Para que, desta maneira, esta habitação seja menos regida por pressupostos hierárquicos, menos sistêmica por assim dizer, menos ecológica e mais ecosófica – menos *ego* e mais *eco*. Com efeito, desapegada de divisões, de binarismos contraproducentes, a proposição de tomar o humano numa espécie de composição tecno-animal, emulando o mito do ciborgue (Haraway, 2009), pode nos oferecer um caminho profícuo para uma renovada humanidade, não acabada, em variação e proliferação, de indivíduos e povos por vir.

Assim, ao contemplar o passado, desde o tempo passante, o presente pandêmico, e vislumbrando possíveis passáveis, os futuros em que viventes viverão – se houver condições habitáveis –, é que precisamos nos repensar no espaço – e, por correlação, no tempo, de como passamos, de como vivemos. Se é bem verdade que somos passageiros, não podemos ser alheios ao fato de que nossos passos ficarão marcados no futuro, então o passado de nossos descendentes. Nosso presente não é em vão, e o futuro será viável, ou não, para os animais – dentre eles os humanos –, a depender da nossa caminhada – com nossas tecnologias –, do

agora.

## Referências

- Aguirre, G. (2017). Normatividade entre esteticidad y tecnicidad según Simondon: hacia una Estética del Derecho como Mecanología de las normas jurídicas. *Revista ARS*, 17(35), 19-42.
- Castro, E. V. (2018). *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Ubu Editora, N-1 Edições.
- Deleuze, G. (1988). *Diferença e Repetição* (Trad. L. Orlandi e R. Machado). Rio de Janeiro: Graal.
- Deleuze, G. (2007). *A lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva.
- Guattari, F. (2012). *As Três Ecologias* (2.ª Ed. Trad. M. C. F. Bittencourt). Campinas: Papirus.
- Han, B.-Ch. (2017). *Sociedade do cansaço*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Han, B.-Ch. (2018a). *Bom entretenimento*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Han, B.-Ch. (2018b). *Psicopolítica. O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Âyiné.
- Haraway, D. (2009). *Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no século XX*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Hui, Y. (2020). *Tecnodiversidade*. São Paulo: Ubu Editora.
- Simondon, G. (2007). *El modo de existencia de los objetos técnicos*. Buenos Aires: Prometeo.